

ROTINA E INFORMAÇÃO N'O DESERTO DOS TÁRTAROS

Sérgio Schaefer *

O romance *O deserto dos tártaros*, do escritor italiano Dino Buzzati¹, apresenta um processo informacional que merece ser analisado mais detidamente, pois permite colocar em discussão um conceito que está na ordem do dia — o conceito de informação.

Seja dito, logo de entrada, que atualmente temos, de fato, em vigor dois conceitos de informação. Aquele de viés técnico-matemático, estabelecido a partir de 1948-49 por C.E. Shannon e W. Weaver², vinculado ao tratamento automático das mensagens, despreocupado com o conteúdo semântico das mesmas e mais interessado no teor quantitativo das trocas comunicativas, de modo especial voltado ao caráter anti-entrópico e não-dissipativo dos canais de condução de códigos impulsionados eletro-eletronicamente; e aquele ligado à dimensão semântica das mensagens ou dos fatos, ou seja, ao significado.

As diversidades de significado, e mesmo significados unívocos relacionados a contextos específicos, não são levados em conta na teoria técnico-matemática da informação. A esta não interessam, por exemplo, os significados que um leitor possa extrair de um texto escrito na língua portuguesa. Supondo-se que esse texto contenha 1000 letras, a teoria técnico-matemática da informação pode procurar levantar a frequência relativa das letras neste texto (incluindo os espaçamentos entre as mesmas), isto é, a probabilidade de ocorrência de cada letra onde a distribuição estatística das frequências relativas dos sinais não sofre variação com o tempo (a isso se chama uma série ergódica). Desse modo, pode-se calcular as probabilidades de ocorrência das 23 letras do nosso alfabeto e do espaçamento (formando, portanto, 24 caracteres ou sinais) naquele texto de mil

* Professor no Departamento de Ciências Humanas (UNISC) e no Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNISC).

¹ Buzzati, Dino. *O deserto dos tártaros*. RJ: Rio Gráfica, 1986. (1ª ed. italiana pela Mondadori: 1940).

² Shannon, C.E. "A mathematical theory of communication". In: *The Bell System Technical Journal*, 27, 1948, pp. 379-423. Shannon, C.E. & Weaver, W. *The mathematical theory of communication*. Illinois: The University of Illinois Press, 1949. (Trad. bras.: *A teoria matemática da comunicação*. RJ: Difel, 1975).

letras e montar a seguinte tabela³:

FREQUÊNCIA RELATIVA APROXIMADA DAS LETRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA							
<i>a</i>	10,5%	<i>g</i>	0,8%	<i>n</i>	4,7%	<i>t</i>	3,2%
<i>b</i>	0,8%	<i>h</i>	0,7%	<i>o</i>	10,1%	<i>u</i>	2,6%
<i>c</i>	2,8%	<i>i</i>	6,5%	<i>p</i>	1,5%	<i>v</i>	1,9%
<i>d</i>	3,6%	<i>j</i>	1,0%	<i>q</i>	1,1%	<i>x</i>	0,1%
<i>e</i>	11,4%	<i>l</i>	2,5%	<i>r</i>	5,3%	<i>z</i>	0,1%
<i>f</i>	0,7%	<i>m</i>	4,8%	<i>s</i>	5,0%	espaço	18,3%

Cálculo feito sobre um texto de 1000 letras e respectivos espaços

A partir desse simples exemplo, entre muitos outros possíveis de serem trazidos a título de ilustração, pode-se perceber quão distante do conceito comum se situa o conceito técnico-quantitativo de informação.

Na análise que em seguida vamos desenvolver do texto de D. Buzzati — *O deserto dos tártaros* — este último conceito não terá primazia. Informação, para nós, aqui, tem a ver com algum conteúdo, ou seja, e dito de modo genérico e um tanto impreciso, deve estar relacionada com algum esclarecimento sobre o real e com os significados, sejam quais forem, constituídos por algum agente transmissor-receptor. Talvez poder-se-ia dizer que o tipo de informação que nos interessa aqui é aquele cujo estabelecimento de interfaces contenha uma tradução com relações significativas entre a fonte emissora e o receptor. Informação para nós, pois, deve apresentar significado, sentido; possibilidade de interpretação e reinterpretação; possibilidade de desvio ou traição de sentidos; sua amplificação, filtração, negação; sua conservação, transposição, difração⁴. Informação deve querer dizer algo, denotar, conotar, mostrar, constituir, dar a entender, fazer conhecer. Surpreender — afinal, o acolhimento de um fato conhecido é uma informação pobre.

* * *

Dito isto, e postas *grosso modo* as diferenciações entre os dois conceitos

³ Epstein, Isaac. *Teoria da informação*. SP: Ática, 1988, p. 43. Cf. também Edwards, Elwyn. *Introdução à teoria da informação*. SP: Cultrix, 1971, cap. 4 e 5: "Incerteza" (pp. 44-57); "Incerteza, linguagem e redundância" (pp. 58-70).

⁴ Lévy, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. RJ: Edit. 34, 1993, pp. 181-182.

contemporâneos de informação, passemos a falar da organização do estudo que pretendemos fazer. Primeiramente, apresentaremos *O deserto dos tártaros*, as linhas gerais do seu enredo/história. Em seguida, trataremos de colocar sob enfoque alguns aspectos que pensamos ser importantes do processo informacional que se estabelece nesta obra.

I Apresentação geral do enredo/história de *O deserto dos tártaros*

Otto Maria Carpeaux, ao escrever sobre a obra de Dino Buzzati, de modo particular sobre *O deserto dos tártaros*, na seção "As obras-primas que poucos leram" que figurou por alguns anos na revista *Manchete* durante a década de 70, afirma não ter este romance um *plot*, como dizem os ingleses: "a ausência de enredo é propriamente o enredo da obra".⁵

Após afirmar isso, o crítico literário passa a fazer um resumo⁶ do livro de Buzzati:

Trata-se de um castelo transformado em forte, uma construção maciça e sombria situada na fronteira do país. Além da fronteira estende-se o deserto dos tártaros. Sempre se esperou e ainda se espera que esses bárbaros venham, um dia, invadir o país. Por isso, os oficiais e os soldados têm de viver naquela tremenda solidão, com a esperança, porém, de combater, na hora decisiva os invasores e conquistar a glória de salvadores da pátria. Para tanto, vale sua vida torturada de prisioneiros de um dever que talvez nunca possa ser cumprido. Com essa ilusão também aceita a transferência o tenente Giovanni Drogo: a ilusão de um grande destino. Mas esse destino não chega a realizar-se. Drogo passa anos no forte. É promovido a major. Passa no forte a vida inteira. Certo dia, a invasão parece chegada. Tomam-se todas as providências para a batalha definitiva. Mas essa vez também —

⁵ Carpeaux, Otto Maria. "O deserto dos tártaros". In: Revista *Manchete* (seção "As obras-primas que poucos leram"), 1974, pp. 77-81. A citação está à p. 79.

⁶ Segundo Massaud Moisés, só a história (estória) de um romance pode ser resumida, não o seu enredo. Cf. Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. SP: Cultrix, 1974, p. 174, verbete "enredo".

*os tártaros não chegaram. As últimas esperanças estão perdidas. Já velho e alquebrado, Drogo adoece. É transportado para um hospital na retaguarda. Em seus delírios de agonizante, acredita comandar a defesa contra os tártaros que lhe invadem o quarto. Mas não são os tártaros. É a morte que, até o fim, o iludiu e depois desiludiu.*⁷

Como esquema amplíssimo, marcado por estilo propositadamente jornalístico, a apresentação de Carpeaux consegue dar conta do romance de Buzzati. Resumir a história de *O deserto dos tártaros* pode ser realmente uma tarefa difícil. Já Carpeaux o reconhecia: “nenhum resumo pode dar a idéia da fascinação que esse livro irradia”. É possível, todavia, fornecer mais alguns elementos além dos que esse crítico nos repassou na forma hipercondensada que vimos antes. Faremos isso a partir de agora.

* * *

Talvez ajude a compreender o romance de Buzzati se o dividirmos em partes temáticas, em quadros, blocos, atos, momentos narrativos diferenciados entre si, ou como se queira. *O deserto* pode ser desmembrado, então, em pelo menos seis momentos ou partes principais:

PARTE 1 (cap. 1 a 3) - *Transição entre duas rotinas*

Relato da viagem do jovem tenente Giovanni Drogo rumo ao Forte Bastiani, para onde fora designado, e chegada ao mesmo. Primeiras demonstrações de curiosidade a respeito do misterioso “deserto dos tártaros” e a respeito da real utilidade estratégica do Forte. (DT, 7-34)⁸

PARTE 2 (cap. 4 a 26) - *A rotina do Forte e a fuga do tempo*

Esta é a mais importante parte do livro e também a mais extensa. (DT, 35-216) Nela é trabalhado um dos temas que caracterizam a obra de Buzzati, a saber, o da rotinização da vida, do enquadramento desta na exasperante

⁷ Carpeaux, O.M. *Id.*, p. 79.

⁸ A partir de agora vamos citar *O deserto dos tártaros* pela sigla DT. Os números colocados após a sigla indicam as páginas da edição brasileira que estamos usando.

monotonia da mesmidade que se repete ao modo de um eterno retorno. À medida que a rotina se estabiliza e se ossifica, ocorre a “irreparável fuga do tempo” (DT, 50), isto é, a passagem do tempo sem que aconteça algo realmente diferente que, enfim, pudesse quebrar a rotina estabelecida.⁹

O conteúdo dos 23 capítulos que formam essa parte pode por sua vez ser dividido em cinco sub-partes. Isso, a fim de perceber os pseudo-rompimentos da rotina, técnica provavelmente usada por Buzzati para mostrar que fatos com potencialidade para quebrar a grande e pesada rotina estabilizada são deveras aparências de ruptura.

PARTE 3 (entre cap. 4 a 26) - *As pseudo-rupturas da rotina dentro da rotina*

3.1 (cap. 12) - *A ilógica presença de um cavalo perdido*

Primeiro comando de guarda a cargo de Giovanni Drogo no Reduto Novo, posto avançado do Forte Bastiani nas fímbrias do Deserto dos Tártaros. Ali, à noite, ele vê uma mancha negra movendo-se no plano que fica logo defronte aos muros do fortim: podem ser os inimigos atacando ou se preparando para tal. No dia seguinte constatam que era um cavalo perdido, uma “ilógica presença” naquele canto de planície desértica, algo que “rompia a regra” (DT, 96), ou seja e melhor, algo que poderia ter rompido a rotina mas que de fato não rompeu.

3.2 (cap. 12 e 13) - *O fuzilamento de Giuseppe Lazzari*

O soldado Lazzari é morto a tiros por um sentinela. Lazzari, soldado lotado no Forte, saíra sem autorização para recolher o cavalo (o mesmo que haviam visto rondando o Reduto Novo). Ao voltar com o animal apresado, Lazzari, por não saber contrassenhar ao alerta da sentinela, é, conforme a dura letra do regulamento, morto a tiros de fuzil. (DT, 101-104) O estrondo dos disparos, em meio ao silêncio daquele início de noite, acorda o Forte e, como um raio, perpassa por todos os seus recantos a mensagem: os tártaros estão

⁹ Ao ser perguntado sobre o que poderia ter ajudado a dar a idéia-base do romance, Buzzati respondeu: “Provavelmente, se bem me recordo, a monótona rotina noturna da redação, que eu seguia naquela época [o autor trabalhou por muitos anos como redator do jornal *Corriere della Sera*]. Com freqüência tinha a impressão de que aquele ramerrão iria continuar ao infinito e me consumiria inutilmente a vida. É um sentimento comum, creio, à maioria dos homens, sobretudo se encaixados nos rígidos horários da vida cidadã. A transposição dessa idéia para um mundo militar fantástico foi para mim quase instintiva: me pareceu que nada melhor se poderia achar para exprimir o desgaste daquela expectativa do que uma fortaleza num confin extremo.” In: “Posfácio - Dino Buzzati, vida e obra” a *O deserto dos tártaros*, op. cit., p. 246.

atacando. (DT, 105)

Pela segunda vez a rotina poderia ter sido interrompida. Pela segunda vez, no entanto, não o foi. As coisas continuam como sempre: guardar, dia após dia, uma “fronteira morta”, uma fronteira que “não dá problemas”, servindo num forte construído para barrar uma invasão inimiga que nunca ocorrerá, num forte que “nunca serviu para nada” — para nada. (DT, 19) Eis a rotina que imobilizará Giovanni Drogo por mais de trinta anos. (DT, 234)

3.3 (cap. 14 e 15) - *Os demarcadores do deserto e a morte de Angustina*

Do ponto avançado do Reduto Novo, as sentinelas observam uma pequena faixa negra se deslocando do fundo do deserto em direção ao Forte. De novo pensam ser os tártaros em movimento de ataque. Todos esperam que o comandante dê o “grande alarme”. (DT, 115) Em meio às dúvidas do comandante-coronel, se devia ou não deflagrar o alerta-geral — pois já “enganara-se muitas vezes” (DT, 119) — aparece no Forte um oficial enviado por “Sua Excelência o chefe do Estado-Maior”, trazendo a mensagem frustrante: aquela faixa negra se movimentando pelo deserto não era outra coisa que “um destacamento do Estado do Norte, encarregado de demarcar a linha de fronteira”. (DT, 124) Outra vez a esperança de interrupção da mesmidade se esfumava: nada de invasão, nada de batalha, nada de dar a vida pela defesa da pátria.

O comandante do Forte envia também, de sua parte, uma expedição de demarcação a fim de avançar o mais possível, antes que os nortistas, a linha da fronteira. É no decorrer dessa expedição que o tenente Angustina morre congelado no topo de uma montanha, em meio a uma tempestade de neve. (DT, 136-143)

Como no caso do fuzilamento do soldado Lazzari, a morte de Angustina não muda a rotina do Forte: “Depois do enterro do tenente Angustina, o tempo recomeçou a passar no forte exatamente como antes.” (DT, 144)

Drogo, que tinha vindo ao Forte para nele permanecer por dois anos apenas, à época da morte de Angustina já nele estava há quatro anos. (DT, 144) Era a “irreparável fuga do tempo” em andamento inflexível. Era a aceitação da rotina, a subserviência a ela.

3.4 (cap. 18 a 20) - *A licença de Giovanni Drogo*

Giovanni Drogo em licença de dois meses na cidade, em casa. Durante o período da licença Drogo reencontra a mãe, os velhos amigos, a namorada Maria; a casa, a cidade. Mas tudo isso tornou-se de repente estranho para ele. Não deseja mais esta antiga rotina.

Numa passagem significativa do capítulo 19, Drogo identifica (por um pequeno detalhe entrevisto na sala da casa de Maria, onde eles desconversavam

melancolicamente) as duas rotinas entre as quais poderia optar: a da cidade/casa e a do Forte Bastiani — “no fim, forte e cidade eram um mundo só, com hábitos iguais de vida.” (DT, 164)

É durante essa licença que Drogo consegue uma entrevista com o comandante da divisão, um general velhote. Pretende solicitar, mais por insistência da mãe, a transferência do Forte para a cidade. Muito próximo a um clima de tipo kafkiano, Buzzati faz pesar a fatalidade ou o destino sobre seu personagem principal: o comando geral decidira reduzir o efetivo do Forte à metade e só seria transferido quem tivesse feito o pedido formal; ora, Drogo não formalizara nenhum pedido, pois, no Forte, ainda antes de sair para a licença, todos haviam escondido dele a novidade; logo, não mais conseguirá a transferência. Retornará à rotina do Bastiani, à qual ficará enredado até o fim de sua vida.

“Não se revoltou; portanto, não pediu baixa, engoliu as injustiças sem abrir a boca, e está de volta ao posto de sempre. No íntimo existe até a tímida satisfação de ter evitado bruscas mudanças de vida, de poder entrar de novo tal e qual na velha rotina.” (DT, 173)

3.5 (cap. 22 a 24) - *A estrada no deserto*

O tenente Simeoni, primeiro, e logo também Giovanni Drogo vêm bem ao fundo do deserto, “lá onde toda imagem se esmaecia dentro da perene cortina de neblina” (DT, 183), uma pequena mancha negra que se movia e, tempos depois, um débil lume, “um ponto infinitesimal de luz que tremeluzia nos limites das névoas.”

A hipótese que Simeoni levanta no momento dessa observação — a de que as forças militares do norte estavam a construir uma estrada com o objetivo de melhor se deslocarem até o Forte — revelar-se-á verdadeira. A estrada levará quinze longos anos para ser terminada (DT, 205) e, uma vez pronta, nada acontece. Os anos continuam a escoar, a vida no Forte não muda sua face monótona e solitária.

“... a planície permaneceu imóvel, as névoas setentrionais paradas, parada a vida regulamentar do forte, as sentinelas repetindo sempre os mesmos passos de um lado para outro do caminho de ronda, igual a sopa da tropa, um dia idêntico a outro, repetindo-se ao infinito, como um soldado que marca o passo.” (DT, 211)

PARTE 4 (cap. 27) - *Ruptura da rotina do Forte*

Em certo dia voa pelo Forte a notícia sempre esperada por todos: os soldados do norte vêm pela estrada do deserto. Desta vez não é engano,

atacarão de verdade. Giovanni Drogo está com 54 anos, carrega a patente de major e é o segundo-comandante da guarnição. Fraco e doente, quase sempre acamado, ajunta todas as forças que pode para ir até o terraço mais alto do Forte e verificar pessoalmente a invasão que afinal estava para acontecer. Não quer acreditar no que vê, perde as forças e desmaia.

PARTE 5 (cap. 28 e 29) - *Drogo é impedido de participar da ruptura da rotina*

Este era o momento que por mais de trinta anos esperara. Mas novamente os fios do destino se descruzam. Simeoni, agora comandante do Forte — o mesmo Simeoni que por primeiro vira os movimentos dos nortistas a iniciarem a construção da estrada no fundo neblinoso do deserto há mais de vinte e poucos anos atrás — acha por bem impedir que Drogo participe daquele acontecimento importante. Dá ordem para que este retorne à cidade, para ali curar-se. Drogo reage, quer ficar, lutar e, se preciso, morrer em batalha. Seus apelos não logram efeito.

... uma terrível ira invadiu o peito de Drogo. Ele, que jogara fora as melhores coisas da vida para esperar os inimigos, que há mais de trinta anos se alimentara daquela única fé, era enxotado justo agora que finalmente a guerra chegava? (DT, 228)

Desde que transpassara os portões de entrada do Forte, Drogo havia vagorosamente desfiado os dias e os anos e desenvolvido uma relutante e ao mesmo tempo persistente esperança: os inimigos atacarão o Forte. Quando o ataque enfim acontece, é-lhe ordenado que se afaste para bem longe da luta. De fato, uma carruagem vem buscá-lo e o leva embora.

PARTE 6 (cap. 30) - *O ato final anti-rotineiro de Giovanni Drogo*

O romance de Buzzati não termina, no entanto, em frustração completa. Se Drogo tivesse deixado que o levassem à cidade para morrer “na cama de casa, em meio a lamentos afetuosos, luzes mortíferas e vidros de remédio” (DT, 240), então, sim, sua grande e pesada rotina não teria sofrido quebra. Mas ele resolve parar no meio do caminho e morrer num quarto de estalagem.

E “nada é mais difícil [leia-se: mais anti-rotineiro] que morrer num lugar estranho e desconhecido [leia-se: num lugar anti-rotineiro], no leito comum

[leia-se: no leito anti-rotineiro] de uma estalagem, velho e desfigurado, sem deixar ninguém no mundo.” (DT, 240)

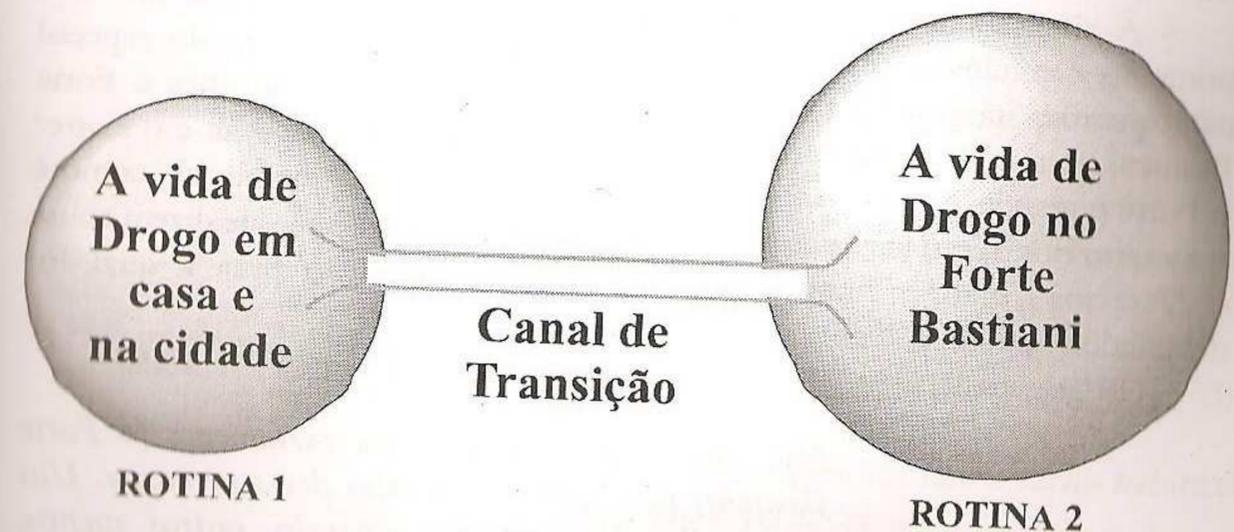
Escolher morrer num quarto de estalagem e não em casa — este o ato final recuperador da dignidade de um homem que passara a vida inteira dobrado sob a tirania de uma rotina sem sentido.

Giovanni Drogo, preparado para a morte, imerso na escuridão do quarto da estalagem, “embora ninguém o veja, sorri.” (DT, 243) Apesar de tudo, é o sorriso de um vencedor.

II O processo informacional n'O deserto dos tártaros

Quando o tenente Giovanni Drogo deixou a casa e a cidade em direção ao Forte Bastiani, para onde fora designado, sem se dar conta estava abrindo caminho para uma reconfiguração da rotina de sua vida.

A vida rotinizada de Drogo, pois, apesar de ser uma, pode ser desmembrada em dois momentos distintos: a rotina da casa/cidade (*rotina 1*) e a rotina do Forte Bastiani (*rotina 2*). Apenas para visualizar o caso de Drogo, poderíamos emprestar da especulação físico-cosmológica contemporânea aquela figuração um tanto exótica do universo-mãe que gera a partir de si um universo-bebê; os dois universos, por sua vez, estão conectados por uma espécie de cordão umbilical denominado ainda de modo pitoresco de buraco-de-minhoca (*wormhole*).¹⁰ Auxiliados por esta idéia, figuraremos a condição rotinizada de Drogo da seguinte forma:



¹⁰ Barrow, John D. *A origem do universo*. RJ: Rocco, 1995, pp. 100-103. Davies, Paul. *Os três últimos minutos - conjecturas sobre o destino final do universo*. RJ: Rocco, 1994, pp. 122-124.

A rotina 1 toma um tempo menor na vida de Drogo (em torno de 20 anos) e não é colocada em destaque no livro de Buzzati. É a rotina 2 (com uma duração de 33 ou 34 anos) que este autor dedica o esforço narrativo em *O deserto dos tártaros*.

Como podemos ver na figura, há entre os dois estados rotinizados um canal que os interliga, permitindo a saída de um para outro. No momento em que Giovanni Drogo deixa a casa e a cidade — assim principia o romance — o universo da rotina 2 (o “universo-bebê”) ainda não está constituído. Ao perfazer o caminho em direção ao Forte, está transicionando para ele. Apenas depois de se instalar no Forte, desistir de pedir transferência, começar a sentir a atração irresistível do Deserto dos Tártaros e aceitar a conseqüente “irreparável fuga do tempo” é que o mundo da rotina 2 vai se algoritmizando devagar, isto é, vai se tornando programado para a auto-preservação, com fisionomia própria diferente do universo da rotina 1.

Neste estudo interessar-nos-á particularmente analisar: a) como ocorre o processo informacional no momento de construção da transição (a construção do “wormhole”); b) como ocorre ou transcorre o processo informacional no universo da rotina 2 (o “universo-bebê”), desde o início até a sua implosão.

1 O processo informacional na transição da rotina 1 para a rotina 2

O que precisamos ressaltar, de início, é uma expressiva diferença entre a dinâmica informacional ocorrente no momento da construção do canal de transição de uma rotina para outra e aquela que marcará propriamente a rotina-tema do romance (a rotina 2). Qual é esta diferença?

A situação de transição — descrita basicamente pelo autor nos três primeiros capítulos do livro — mostra um Drogo voltado de modo especial para questões não-rotineiras, binariamente abertas, do tipo: onde fica o Forte Bastiani? estou no caminho certo? aquela construção que vejo ali é o Forte? o Forte é grande, é importante? o que há por trás de suas muralhas? como é o Deserto dos Tártaros? o que existe além daquelas rochas? o que dizem sobre o Deserto? quanto tempo ficarei lotado na guarnição para a qual fui designado? posso pedir logo a transferência?

Eis algumas passagens de *O deserto* indicadoras das questões acima:

Não sabia sequer onde ficava exatamente [o Forte Bastiani] nem quanto caminho devia percorrer. Uns haviam-lhe dito um dia a cavalo, outros menos, nenhum daqueles a quem perguntara estivera lá realmente. (DT, 9)

A um carroceiro Giovanni perguntou quanto tempo faltava para chegar ao forte.

— O forte? — respondeu o homem. — Que forte?

— O forte Bastiani — disse Drogo.

— Por essas bandas não existem fortes — disse o carroceiro. — Nunca ouvi falar. (DT, 10)

... Drogo viu de repente, diante de si, negra e gigantesca contra o puríssimo céu da tarde uma construção militar que parecia antiga e deserta. Giovanni sentiu o coração bater, pois aquele devia ser o forte, mas tudo, das muralhas à paisagem, transpirava um ar inóspito e sinistro. [Este não era o Forte Bastiani, mas uma construção militar abandonada] (DT, 11-12)

[Drogo] fez uma pausa e depois, para mostrar-se gentil: — Deve ser grandioso [o Forte], não é? Pareceu-me imenso. (DT, 19)

Mas é [o Forte] um dos principais, não é? (DT, 19)

E atrás, o que havia? Além daquele inóspito edifício, além das ameias, das casamatas, do paiol que barravam a vista, que mundo se abria? (DT, 23)

Como era o reino do norte, o pedregoso deserto por onde ninguém nunca passara? (DT, 23)

— Posso dar uma olhada ao norte, ver o que existe além das muralhas? (DT, 30)

— E atrás? atrás daquelas rochas como é? Tudo assim, até o fim? (DT, 32)

— Dizem... O que dizem? [sobre o deserto] (DT, 33)

— Por dois anos, digo, o senhor fará o turno habitual de dois anos, não é verdade?

— Dois anos? Não sei, não me disseram o período.

— Oh, claro, dois anos, todos vocês, tenentes de

primeira nomeação, dois anos, depois vão embora.
 — Pelo regulamento, dois anos para todos? (DT, 16)
 ... [Drogo] começou a explicar que não fizera nenhum
 pedido para ser designado para o forte [e que estava
 decidido, logo que possível, a pedir transferência]...
 (DT, 26)

O que temos diante de nós é alguém que acaba de sair de um ovo (ou de um balão; ou de uma esfera) — o mundo da rotina 1 — no qual as coisas estiveram sempre arranjadas de uma forma segura, onde a mesmidade garantia a mesmidade. Fazer em ambiente assim perguntas ao estilo binário aberto (estilo não-rotineiro — *lightly, fairly* ou *softly*, poderíamos dizer), como faz Drogo nos três capítulos iniciais de *O deserto*, seria praticamente inviável e, além do mais, desnecessário; e, por certo, descabido. Numa situação de *kósmos* cognitivo rotinizado normalmente se deixa tudo como está. Só quando emerge o *chaos* cognitivo é que se sente a necessidade de outra e nova ordenação.

Na passagem, quando uma rotina é abandonada e outra começa sinuosamente a se anunciar — mesmo sem o personagem que transiciona estar se dando conta disso, e que é o caso de Drogo — os referenciais antes clara e distintamente determinados se perdem e os dados mais singelos do mundo se tornam um problema: onde estou? para onde estou indo? qual o caminho a seguir? aquilo que vejo ou sinto é realmente aquilo que vejo ou sinto? etcétera.

Esse momento feito de muitas perguntas banais à cata de muitas respostas cruciais é indicativo de que se está abandonando um cosmos cognitivo e de que se ingressou repentinamente no caos.

Chaos, para nós, e seguindo um rastro arcaico, significa “espaço vazio”, isto é, algo ainda não determinado, muito parecido talvez com o *Sein/Nichts* hegeliano que deflagra a *Ciência da Lógica*. Mas conservamos junto a esse significado a vinculação etimológica que o grego antigo dos séculos VI e V aC lhe fazia com *kásmos*: bocejo, sonolência¹¹, uma vez que mais à frente discutiremos a possibilidade de uma situação de *kósmos* permitir em seu interior o *chaos*, mas o caos que dá sono (um caos cósmico — *sic*), que faz entrar em torpor informacional. *Kósmos*, por outro lado, continua tendo aqui seu significado mais patente de ordenamento, de ação ordenadora; de embelezamento (neste último sentido a ação ordenadora é cosmética, ou seja, apenas superficial).¹²

¹¹ Cf. Cornford, F.M. *Principium sapientiae* - as origens do pensamento filosófico grego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, 3ª ed., p. 318.

¹² Cf. Peters, F.E. *Termos filosóficos gregos* - um léxico histórico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, 2ª ed., pp. 132-134, verbete “kósmos”.

Uma vez deixada para trás a estrutura rotinizada já constituída e garantidora do eterno retorno sobre si mesma, o personagem emerge para a necessidade — por enquanto não-bocejante, não-sonolenta — de informações. Drogo, de fato, saltita de um ponto a outro à procura de respostas emergenciais. O processo informacional que se instala é ágil, fácil e solto (ao modo *light*, como acima sugerimos); franco e claro quase sempre (ou *fair*); mas também *soft*, no sentido de não entorpecido pelas névoas de algum álcool ou droga e no sentido mais comum de maleável, flexível, apto à recepção de novos e outros dados. Ejetado do *kósmos* que a vida em casa e na cidade formavam, Giovanni Drogo vê-se subitamente perdido num *tópos* ou numa *chóra*¹³ sem determinação, numa circunstância que lhe permite bifurcar o real de modo binariamente aberto:

** Onde fica o Forte Bastiani?

* ao norte? Sim/não >>>> Sim 14

* ao sul? Sim/não >>>> Não

* naquela montanha mais alta? Sim/não >>>> Sim ? / Não ?

* naquela montanha mais baixa? Sim/não >>>> Sim ? / Não ?

** Afinal, o Forte Bastiani existe, já que ninguém sabe me informar onde se situa?

* Sim/não >>>> Sim ? / Não ?

** Esta construção militar, antiga e deserta, que vejo à minha frente, transpirando um ar sinistro, será o Forte Bastiani?

* Sim/não >>>> Não

** Quanto caminho devo percorrer para encontrar o Forte?

* um dia a cavalo? Sim/não >>>> Não

* dois dias a cavalo? Sim/não >>>> Sim ? / Não ?

** O Forte é grande?

* Sim/não >>>> Não (O capitão Ortiz, que nessa altura acompanhava Drogo na cavalgada rumo ao Forte, responde: “Não, não, é um dos

¹³ Lugar, espaço, situação, posição.

¹⁴ A alternativa assinalada é a mais óbvia (no contexto da história) ou aquela possivelmente mais próxima dentre as que Drogo escolheria.

menores, uma construção muito velha, só de longe é que faz um certo efeito.” (DT, 19))

** O Forte é um dos principais?

* Sim/não >>>> Não (O capitão Ortiz afirma: “Não, não, é um forte de segunda categoria.” (DT, 19))

O capitão Ortiz fala que o Forte Bastiani guarda uma fronteira morta. Drogo pergunta: “Como: fronteira morta?”

** Fronteira morta?

* Sim/não >>>> Sim (Ortiz confirma: sim)

** O que se entende por fronteira morta?

* uma fronteira que dá problemas? Sim/não >>>> Não

* uma fronteira que não dá problemas? Sim/não >>>> Sim

Ortiz dá a resposta: “Uma fronteira que não dá problemas.” (DT, 19) E continua: “Adiante existe um grande deserto.” (DT, 19) Drogo pergunta:

** Um deserto?

* Sim/não >>>> Sim

** Como é o deserto?

* apresenta pedras? Sim/não >>>> Sim

* apresenta terra ressequida? Sim/não >>>> Sim

** Este deserto tem algum nome?

* chama-se “Deserto dos Bárbaros”? Sim/não >>>> Não

* chama-se “Deserto dos Tártaros”? Sim/não >>>> Sim

** “É atrás? atrás daquelas rochas como é? Tudo assim, até o fim?” (DT,

32)

* Sim/não >>>> Não

** Servirei por dois anos no Forte?

* Sim/não >>>> Sim ? / Não ? (Drogo responde: “Dois anos? Não sei, não me disseram o período.” (DT, 16))

** O regulamento diz que são dois anos para todos?

* Sim/não >>>> Sim ? / Não ?

** Drogo está decidido, logo que possível, a pedir transferência do Forte?

* Sim/não >>>> Sim

Poderíamos continuar mostrando as múltiplas vias bifurcadas que o processo informacional abre nos três primeiros capítulos de *O deserto dos tártaros*, naquele momento de transição da rotina 1 para a rotina 2. Drogo desfia uma curiosidade estendida a muitas coisas, desde que lhe pareçam importantes para o clareamento da nova situação à qual foi encaminhado a partir de sua designação ao Forte Bastiani. Precisa de muitas informações, pois está a constituir um novo *kósmos* em substituição ao anterior. Precisa ordenar, não algo que esteja desordenado “em si”, mas tão-somente ordenar algo que não está ordenado *para ele*, Giovanni Drogo. Mais ou menos como, na antiguidade grega, fizeram os pré-socráticos para passarem da visão mítico-religiosa a uma visão físico-cosmológica, a fim de acertarem alguns primeiros passos no rumo da constituição da filosofia; ou fizeram os astrônomos renascentistas para superarem o geocentrismo, ao estabelecerem o novo programa explicador heliocentrismo.

É verdade que logo mais, e de modo quase abrupto, perderemos este personagem *light, soft & fair*¹⁵ que Buzzati nos descreve no início do romance. De fato, Drogo será levado pelo seu autor — a partir do capítulo 4 — a submergir por uma segunda vez na rotina, desta vez entre os sufocantes muros de uma fortificação militar que guarda uma fronteira morta jamais invadida por inimigo algum e, no entanto, sempre de prontidão para uma eventual agressão, dia após dia esperada, e mais, desejada ansiosamente, mas nunca

¹⁵ Lembramos que estas três palavras são usadas, em nossa análise, com significados bem definidos.

acontecida. Veremos, mais à frente, que o desejo e a espera de algum ato agressivo e invasor por parte do invisível inimigo serão os principais ingredientes na formação de uma situação de *chaos* dentro de um estado maior de *kósmos*.

* * *

O procedimento informacional que sobressai nos três primeiros capítulos de *O deserto dos tártaros* tende a bifurcar o real de forma binariamente aberta. Esta binariedade geralmente leva a decisões informativas que podem ser transformadas em certezas ou probabilidades muito fortes e que, enfim, produzem o ordenamento do real ou um cosmos cognitivo.

Veamos esse processo com mais detalhes a partir de alguns elementos encontrados nos três primeiros capítulos. O Forte Bastiani fica situado na direção norte. Dar a direção não é dar o ponto exato do Forte no espaço geográfico, mesmo que a direção pré-dada diminua a amplitude da busca. É por esse motivo que Drogo, enquanto se dirige ao norte deixa-se, sim, conduzir por uma certeza informativa, mas de espectro muito amplo e que necessitará de definição mais fina. Essa certeza, diga-se também, ele não precisou construir pessoalmente, foi-lhe repassada antes de partir.

Tendo em mãos a direção certa, cabe a Drogo então determinar o lado norte tomando sua casa ou cidade como ponto zero aberto a quatro rumos cardeais: leste, oeste, norte, sul. Norte é para lá? Sim ou não. Se não, então é para cá? Sim ou não. E assim por diante, até a definição ou a certeza.¹⁶

Note-se, antes de tudo, que qualquer definição ou certeza exige a diferenciação. Norte não é sul, não é leste, não é oeste. Drogo deve pôr as diferenças para pôr a certeza. Como, nesse caso, ele já conhece as diferenças, o ato de posição não passa de um processo de reposição rotineiro, indicativo de que ainda está com um pé no antigo cosmos rotinizado. A situação cósmica não anula as diferenças, antes as destaca a fim de poder ser entendida (a estruturação cósmica) como um ordenamento do real. Entretanto, é preciso reparar, desde logo, que são situações cósmicas rotinizadas de forma binariamente aberta aquelas nas quais, para chegar a pôr alguma certeza, apenas se *repõe* as diferenças.

Existem, portanto, dois tipos de *kósmos* cognitivo: o rotinizado e o ainda não rotinizado. Este último é o que caracteriza principalmente o comportamento informacional de Drogo *enquanto acontece* a breve passagem da rotina 1 para a

¹⁶ Percebe-se que este procedimento usual binarizado de busca de definições ou certezas fundamenta a tecnologia informatizada/computadorizada. Não vamos aqui, porém, entrar em maiores detalhes a respeito das soluções que a prática tecnológica do *bit* (cujo ancestral teórico é a álgebra de Boole) dá à incerteza.

rotina 2. É claro que este cosmos não-rotinizado, como pede a história de Buzzati interessada primordialmente em narrar o universo da rotina 2, não tem maior durabilidade descritiva. É passageiro como o é a própria passagem. Logo será diluído no marasmo, na sonolência (*kásmo*), no ambiente *hard* e *foggy* do Forte e de sua síndrome de suspeição¹⁷, transtornando-se em cosmos cognitivo assentado num processamento de feição basicamente binária fechada. Voltaremos a isso.

O processamento binário aberto rotinizado desenvolvido por Drogo trouxe até agora apenas duas definições: a de que a guarnição para onde deve ir fica ao norte e que esta direção é, digamos, “para aquele lado”. Despede-se da mãe, monta no cavalo e vai estrada afora levado por essas claras e distintas certezas.¹⁸ O mundo, até agora, é o mais ordenado dos mundos possíveis. Por enquanto, tudo está nos seus lugares costumeiros. As informações têm a fisionomia *hard*, ou seja, são implacavelmente direcionantes e digitalizadamente límpidas.

À medida que o personagem se afasta do mundo rotinizado 1 e se embrenha em terreno desconhecido (no caos cognitivo), a situação mudará. Drogo não sabe exatamente em que ponto do espaço ao norte fica o Forte Bastiani. Esta informação não lhe foi dada. Terá de descobrir por própria conta. Fica naquela montanha que vejo lá ao longe? Sim ou não. Se não, então será naquela outra mais à esquerda? Sim ou não. Na montanha mais alta? Na que é mais baixa? E por aí em frente. Como não consegue encontrar o que procura e como ninguém sabe lhe dar a localização, chega quase a duvidar da existência do Forte. Num certo ponto do caminho vê uma construção militar:

(...) Drogo viu de repente, diante de si, negra e gigantesca contra o puríssimo céu da tarde, uma construção militar que parecia antiga e deserta. Giovanni sentiu o coração bater, pois aquele devia ser o forte (...) (DT, 11)

É um forte, de fato. Mas desativado há uns dez anos; não o que busca. Mas onde fica o Forte Bastiani então? A essa altura Drogo já está “irritado” (DT, 12) — entenda-se: caotizado cognitivamente — pois por mais exercícios

¹⁷ V., para possível confronto, o romance *O pêndulo de Foucault* de Umberto Eco, que trata de outra forma a síndrome de suspeição.

¹⁸ Descartes: “Chamo claro àquilo que é presente e manifesto a um espírito atento (...) e distinta aquela apreensão de tal modo precisa e diferente de todas as outras, que compreende em si apenas o que aparece manifestamente a quem a considera como se deve.” *Principes de la philosophie*, I, 45.

de binarização aberta rotinizada que faça somente alcança respostas negadoras, do tipo: isso que vejo à minha frente é um forte, mas *não é* o Forte Bastiani; este, pelo que sei, *está* localizado numa montanha, mas *não está* naquela lá. Podemos observar que, apesar de existir um jogo de diferenciações (é/não é; está/não está), as diferenças dão como resultado *certezas negadoras*: eu sei com toda a certeza que este não é o Forte Bastiani e que naquela montanha acolá ele não está localizado. De posse somente de certezas negadoras é claro que é possível sustentar por muito tempo um *kósmos* cognitivo. Isso haverá de acontecer a Drogo enquanto permanecer no Forte, como veremos mais à frente. Mas no momento de transição que estamos agora considerando, o jogo das diferenciações superará as certezas tão-somente negadoras e desembocará em *certezas afirmadoras*: aquilo que vejo lá ao longe é o Forte Bastiani e *está* localizado naquela montanha lá, sendo que qualquer forte que eu já tenha visto *não é* o Bastiani e em qualquer outra montanha, que não aquela, ele *não está* localizado.

Buzzati narra (cap. 1) da seguinte forma a posse da primeira certeza afirmadora que Drogo consegue constituir com relação ao Forte e à sua localização:

Numa fenda dos penhascos vizinhos, já encobertos pela escuridão, atrás de uma caótica escadaria de cristas, a uma distância incalculável, imerso ainda no sol vermelho do poente, como que saindo de um encantamento, Giovanni Drogo avistou um morro pelado e no topo dele um traçado regular e geométrico, de uma singular cor amarelada: o perfil do forte. (DT, 12)

Queremos insistir no fato de que o não diferenciador que serve de contraste informativo para o estabelecimento da certeza afirmadora foi, por sua vez, estabelecido através de um anterior movimento contrastador. Tudo indica que o processo informacional constituinte de um *kósmos* ainda-não rotinizado não vai diretamente da diferença para a certeza afirmadora e, sim, primeiramente da diferença para a certeza negadora e desta, posta então como diferença, para a certeza afirmadora.

Podemos esquematizar do seguinte modo esse movimento de binarização aberta não-rotineira:

sim/não >>>> não/sim >>>> sim

Traduzindo este esquema para a linguagem de *O deserto*, temos: isto que

vejo é um forte (sim), mas *não é* o Forte Bastiani; mas agora, após certo ordenamento do real, isto que estou vendo é o Forte Bastiani (*sim*). Ou ainda: isto que vejo é uma montanha (sim), mas *não é* a montanha onde está localizado o Forte Bastiani; agora, entretanto, após transpassar por várias certezas negadoras, isto que finalmente vejo é a montanha onde está localizado o Forte que procuro (*sim*).

Denominamos este processo de *binarização aberta não-rotineira* porque ele constitui um novo cosmos cognitivo a partir de um ambiente informativo caótico, ao contrário da *binarização aberta rotineira* onde o processamento perfaz apenas trilhas já demarcadas, usadas para chegar a certezas afirmadoras via reposição das diferenças. De modo geral, neste último procedimento cognitivo não há necessidade da intermediação (ou da mediação) de certezas negadoras.

* * *

Antes de fechar este item, é preciso anotar que nem todas as situações informantes/cognoscentes se colocam nos capítulos 1, 2 e 3 da mesma maneira lisa como acima. Quer dizer, nem sempre Drogo alcança certezas negadoras em vias de serem resolvidas em certezas afirmadoras — pelo menos no passageiro momento em que o canal de transição está sendo construído.

É o caso daquelas situações cognitivas onde predominam a vagueza do pressentimento, a inquietude ou o temor difusos, a dubiedade de um sinal que teima em não se manifestar (Aristóteles: não há *logos apofântico*? Quase que se poderia dizer, à maneira da velha guarda estruturalista: a leitura do real é apenas *symptomale* ¹⁹). Vejamos algumas dessas situações.

Apenas deixados para trás a velha casa onde nascera, a mãe, a cidade, já pesa sobre Drogo

um insistente pensamento, que não conseguia identificar, como um vago pressentimento de coisas fatais, como se estivesse para iniciar uma viagem sem retorno. (DT, 8)

Até o passo do cavalo que monta parece-lhe

um passo diferente, um tropel (...) menos leve e vivo, com um fundo de ansiedade e de fadiga, como se

¹⁹ Cf. Althusser, Louis et al. *Lire le Capital*. Paris: Maspero, 1975.

também o animal sentisse que a vida estava para mudar. (DT, 9)

Mais adiante, enquanto ele e o cavalo descansam e este procura algum capim para comer, parece a Drogo que o animal

às vezes batia os cascos no chão de modo antipático e esquisito. (DT, 13)

A poucas centenas de metros do Forte, Giovanni vê suas sombrias muralhas,

sem conseguir decifrar seu sentido. (DT, 22)

Drogo o fita hipnotizado,

e uma inexplicável excitação penetrava em seu coração. (DT, 23)

Uma vez no interior dele, e durante a apresentação formal ao major Matti, insinua-se na alma do tenente Drogo

um vago sentimento que não conseguia decifrar (...) (DT, 30)

Situações cognitivas como estas que acabamos de transcrever estão imersas num *fog* informativo, isto é, persiste uma espécie de neblina sobre os dados, não permitindo que se destaquem da bruma e se transformem em diferenças encaminhadoras de alguma certeza. Não é possível chegar a definições; permanece-se, então, no indefinido ou no indeterminado. Aqui, uma certa lógica hegelista-marxiana entrega o bastão à lógica da guerra fria ou da doutrina da segurança nacional?²⁰

Circunstâncias onde as informações são apenas pressentidas ou se difundem na vagueza da névoa indicam um caos cognitivo de tipo especial — o *caos cósmico*. De um lado, as informações instilam uma turbulência vivificadora no processo informacional; de outro, instalam no mesmo a monotonia e a

²⁰ Cf. Silva, Golbery do Couto e. *Conjuntura política nacional: o Poder Executivo & Geopolítica do Brasil*. RJ: José Olympio, 1981. Mattos, Carlos de Meira. *Brasil: geopolítica e destino*. RJ: José Olympio, 1975. Smoke, Richard. *The National Security Affair*. In: vol. 8 - *International Politics do Handbook of Political Science*. MASS.: Addison-Wesley Publishing Co., 1975, pp. 247-362.

secura do deserto.

Este será um dos aspectos do processo informacional que analisaremos mais de perto no universo da rotina 2. Pela sua importância na caracterização dessa rotina, Buzzati já o anuncia no breve momento da passagem de uma rotina a outra.

2 O processo informacional no universo da rotina 2

Dos trinta capítulos de *O deserto dos tártaros*, vinte e três (cap. 4 a 26) são destinados por Buzzati para descrever os sonolentos e intermináveis 33 ou 34 anos que Giovanni Drogo vive no Forte Bastiani, fazendo parte do corpo de oficiais responsáveis pelo bom andamento de uma guarnição militar cuja missão única é barrar uma possível invasão dos inimigos do norte através de uma região completamente desabitada, feita de pedras e terra seca chamada de “deserto dos tártaros”.

Acabamos de ver que no processo informacional ocorrente no canal de transição — a saber, naquele curto espaço-tempo em que Drogo perde um *oiklon* cognitivo²¹ e não chegou a encontrar outro — predominava uma binarização aberta não-rotineira. Como há de constituir-se agora o processo informacional, uma vez estando Giovanni Drogo abandonado à inércia do Forte?

Em primeiro lugar, a binarização, que antes mostrava-se aberta, torna-se fechada. *Binário informativo fechado*, como nós o denominamos, vem a ser um movimento predominantemente direcionado a certezas negadoras. Quer dizer, não há na prática do cotidiano informacional soluções de tipo afirmador. Giovanni Drogo, e os outros do Forte, por mais sinais que captem provenientes do Deserto, sempre desembocam em negações:

Este sinal 1 que vejo é sinal de invasão?

sim/não >>>> não

Este sinal 2 que vejo é sinal de invasão? Não.

Este sinal 3 que vejo é sinal de invasão? Não.

.....
Este sinal 197 que vejo é sinal de invasão? Não.

Este sinal 198 que vejo é sinal de invasão? Não.

.....

²¹ *Oiklon* cognitivo: nicho, ninho, território para sentir-se como se em casa nos pensamentos. Esta expressão pode substituir, às vezes com vantagens, a anterior, mais usada, *kósmos* cognitivo.

Este sinal 1045 que vejo é sinal de invasão? Não.
 Este sinal 1046 que vejo é sinal de invasão? Não.

.....

Será esse constante ambiente informativo negador que caracterizará uma face da rotina 2, rotina, como sabemos, que transdetermina a vida de Drogo e de todos os outros no Forte Bastiani. À força de se repetirem as instâncias negadoras, e tornando-se isso habitual, o nosso personagem criará um *kósmos* (ou, se quisermos, um *oikíon*) cognitivo — e melhor, um meio-*kósmos* cognitivo — marcado pela mesmidade do não. Esse não tornado cósmico, todavia, não deve ser tomado como um idêntico lógico. É, antes, um uno intrafissurado em variadas aparições singulares, contingentes. Esses não são diferentes às dadas circunstâncias informativas, mas conformam-se todos numa unidade desdiferenciada. Cada certeza negativa recém-construída aglutina-se à grande certeza negadora: aquilo que percebi; aquilo que estou percebendo; aquilo que perceberei como sendo provável sinal de alguma invasão dos inimigos nortistas (os “tártaros”) é engano — é sinal de *não-invasão*.

Temos, pois, de completar a lista negadora acima incluindo nela os tempos passado e futuro:

Os sinais 4, 5, 6, 7 ... que *vi* foram sinais de invasão? Não.

Os sinais 71, 72, 73, 74 ... que *verei* serão sinais de invasão? Não.

O grande movimento da certeza negadora põe em jogo as três dimensões comuns da temporalidade — passado, presente, futuro — interconexionando-as. Os passados não mostram-se sem novidade, fazem parte da memória do cosmos cognitivo. Em conotação com o lado *hard* do computador, poderíamos dizer que esses não são ROM.²² O presente — aquele não que está sendo construído agora, enquanto a informação vai se definindo como negadora — terá, certamente, pesando sobre si os passados não a pressionar o presente sim/ou/não no rumo de uma definição para o não. O passado e o presente, por sua vez, com sua força inercial (com seu movimento “retilíneo e uniforme”), darão uma forma algorítmica ao futuro, ou seja, farão com que este também tome uma denotação negativa: os sinais que perceberei serão sinais de não-invasão.²³

Haveria algo em comum entre essa dinâmica informativa-cognoscente e

²² ROM: *Read-Only Memory* (memória cujos dados são somente para leitura).

²³ Anotamos antes que as certezas negadoras que por enquanto estamos analisando caracterizam apenas uma das faces da rotina 2 ou seu meio-*kósmos*. A outra face ou a outra “metade” será tratada mais adiante.

aquela que é descrita por Hegel no início do cap. I: “A certeza sensível ou o isto e o visar”, da *Fenomenologia do Espírito*? O universal hegeliano, tratado nos primeiros ensaios do engatinhamento fenomenológico da consciência, é aquela “simplicidade indiferente” (*gleichgültige Einfachheit*)

que é por meio da negação; nem isto nem aquilo — um não-isto — e indiferente também a ser isto ou aquilo. O universal, portanto, é de fato o verdadeiro da certeza sensível. ²⁴

Se o monótono movimento da certeza negadora que preenche uma das metades do cosmos bifaceado de Drogo puder ser equiparado ao *phaíno* ²⁵ hegeliano do universal, então teríamos de retrabalhar a lógica buzzati-kafkiana da rotina 2 de *O deserto* para algo parecido a isto:

Momento Um: “Aqui e agora (estou no Reduto Novo e é de noite) percebo uma pequena mancha negra que se move. (DT, 91-92) Isto é um *phaínómenon* de uma invasão dos inimigos?”

Resposta, aqui e agora certa: Não, é apenas a experiência da percepção de uma pequena mancha negra que se move (*sim*).

Momento Dois: “Aqui e agora (estou ainda no Reduto Novo, mas sob outras condições, pois agora é dia) percebo que a mancha é um cavalo negro perdido. (DT, 96-98) Isto é um *phaínómenon* dos inimigos se aproximando da fronteira?”

Resposta, aqui e agora certa, negadora da anterior certeza: Não, é apenas a experiência da percepção de um cavalo negro perdido (*sim*).

O que ocorreu nessa transfiguração hegelianizada? Perdemos a dimensão mais importante da logicidade rotineira fechada de Buzzati *à la* Kafka: aquela que refere o sim e o não a uma provável invasão dos inimigos, mas que sempre

²⁴ “(Ein solches Einfaches), das durch Negation ist, weder Dieses noch Jenes, ein Nichtdieses, und ebenso gleichgültig, auch Dieses wie Jenes zu sein, nennen wir ein Allgemeines; das Allgemeine ist also in der Tat das Wahre der sinnlichen Gewissheit.” Hegel. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1989, p. 85 (grifos de Hegel). A cit. em língua portuguesa foi extraída da trad. bras. feita por Paulo Meneses - *Fenomenologia do Espírito* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1992, p. 76.

²⁵ *Phaíno*: fazer aparecer, fazer conhecível, revelar, indicar.

A não-invasão dos inimigos é o “dinheiro do espírito”³¹ que fantasmagoricamente pervade a rotina 2, transdeterminando-a. Sendo assim, a forma geral não-invasão dos inimigos nortistas pelo Deserto dos Tártaros reúne em si, numa atemporalidade presentificada, os tempos sucessivos da percepção real dos sinais a se darem apenas no futuro: “(...) o sucessivo se instaura como se fosse presente” e com isso emerge a classe em sua “formação atemporal”, diz Giannotti.³²

O que ganhamos ou perdemos com a aproximação feita entre a binarização fechada de Drogo e dos outros homens do Forte e o jogo lógico que leva as mercadorias a instituírem um universal concreto prático? Ganhamos alguma coisa: o jogo monótono das informações provenientes do Deserto acontece no campo semântico da “não-invasão” e isso faz com que a série indefinida dos sinais informativos seja anteposta de forma negadora, como é negadora a forma geral que exerce a força transdeterminadora sobre a série a se fazer. Mas, de outra parte, perdemos algo: a binarização marxiana-giannottista só põe em jogo sins, uma vez que a antecipação se estrutura pela necessidade de os sinais informativos parciais sempre confirmarem a forma geral. No universo da rotina 2, mesmo que Drogo sempre feche o jogo acumulando certezas negadoras, persistem tempos informativos-cognoscentes nos quais a *sim-invasão* é momentânea e pregnadoramente real. Isso quer dizer que Drogo joga outro jogo, com outras regras de binarização. Veremos esse novo aspecto do jogo de Drogo a seguir.

* * *

Podemos agora passar à outra “metade” do *kósmos/oikíon* cognitivo que perfaz Giovanni Drogo em sua rotina 2.

Se uma face ou um ambiente desse cosmos organiza-se de forma binária fechada rotineira — que significa, como vimos, um movimento a desembocar em certezas negadoras, cujo campo semântico constrictor é a não-invasão — a outra face apresenta-se como uma gelatina sem cor e sem rosto, e que, tal num filme em contínuo suspense monocórdio-cromático, não chega a assustar nem a fazer correr de medo. Pelo contrário, faz entrar num espécie de coma cognitivo ou, como nós preferimos nominar esse estado de coisas, no caos cósmico.

³¹ Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Ed. 70, 1989. “Terceiro Manuscrito”, item “Crítica da dialética e da filosofia de Hegel em geral”, p. 242.

³² Giannotti, J.A. *Ibid.*, op. cit., p. 20. É bom lembrar que Giannotti não está a falar em seu estudo da rotina 2 do personagem G. Drogo de *O deserto do tártaros* e sim das trocas de mercadorias transtornadas pelo capital.

Por ser um caos, esse estado de coisas informativo-cognitivo tem vida e dinâmica; por ser cósmico, carrega uma injeção entorpecente inibitória para qualquer definição ou certeza afirmadora.

Uma parte da vida de Drogo no Forte Bastiani é comandada por esta ambigüidade informacional. O personagem sente o peso da binarização fechada rotineira repondo-o continuamente na certeza negadora que os sinais percebidos lhe revelam: não haverá invasão dos inimigos. Por outro lado, também sente aquela surda esperança de que a qualquer momento o não se transforme em sim, isto é, que a não-invasão passe de repente a ser sim-invasão. Vive, pois, em constante tensão, em expectativa angustiante; algo que se renova a cada dia; algo que atrai e que faz com que se decida a ficar no Forte, a desistir de pedir transferência, a se curvar perante o fardo pesado da rotina fechada. Esta última parece se desrotinizar em seu próprio interior, como a sofrer súbitos clarões em meio a seu *fog*. Clareiras de luz que, entretanto, assim como surgem, desaparecem; mas que, ao desaparecerem, deixam a ponta de um fio para serem repuxadas novamente e reaparecerem. É essa a traquinice do caos, seu lado brincalhão. É isso que mantém Drogo em pé, disposto a suportar por mais de trinta anos a vida monótona do Forte e a observar, reobservar, mil-observar a secura e a vaziedade do Deserto dos Tártaros à procura de algum sinal revelador de uma verdadeira agressão por parte dos inimigos do norte.

São inúmeras as passagens existentes no livro de Buzzati que podem mostrar esse Giovanni Drogo expectante (ou outros oficiais e soldados), morbidamente à espera *da* informação que tornaria a alta improbabilidade da invasão em probabilidade. De modo geral, Buzzati coloca esse tema imerso num clima caotizado de meia-luz, perpassado por temores de algo que não-se-sabe-o-quê, de pressentimentos (pré-sentimentos) sem objeto, de objetos predicados por um quase-sujeito ou, até talvez, por um não-sujeito.

Assim, quando escreve a primeira carta à mãe (cap.6), Drogo de repente se interrompe e fica a pensar:

Não, nem mesmo com a mãe podia ser sincero, nem mesmo a ela podia confessar os obscuros temores que não o deixavam em paz. (DT, 49)

Enquanto põe no papel: “em suma estou muito contente”, escuta o vento soprando do norte por entre as ameias das muralhas do Forte e este vento parece estar “trazendo desconhecidas mensagens”. (DT, 49)

O sargento-mor Tronk, há 22 anos no Forte,

comumente vagava pelas ameias, ao longe, perscrutando o vale do norte, à procura de não se sabe o quê. (DT, 42)

Por ocasião da primeira guarda feita no Reduto Novo, posto avançado do Forte plantado no vestíbulo do Deserto (cap. 12), Drogo, ao ficar ali bem de frente àquele território desolado, sem sentido e misterioso, com o avançar da noite sente crescer “uma surda inquietação”. (DT, 90) Mas ao mesmo tempo recordava-se das

heróicas fantasias, tantas vezes construídas nos longos turnos de guarda e a cada dia aperfeiçoadas com novos detalhes. Em geral pensava numa desesperada batalha travada por ele, com poucos homens, contra inúmeras forças inimigas; como se naquela noite o Reduto Novo fosse assediado por milhares de tártaros. (DT, 91)

Era a hora das esperanças e ele meditava sobre os heróicos feitos que provavelmente nunca se verificariam, mas que serviam para animar a vida. (DT, 91)

Naquela noite [no Reduto Novo] porém não era fácil sentir-se um herói. As sombras já tinham envolvido o mundo, a planície do norte perdera toda a cor, mas ainda não adormecera, como se algo de ruim estivesse nascendo ali. (DT, 91)

Mesmo depois de resolvido o “enigma da mancha negra” — já conhecemos a solução: a mancha misteriosa era um simples cavalo perdido vagando pelas imediações do Reduto Novo — mesmo assim perdura a preocupação:

Sozinho, o cavalo não significava muito, mas atrás dele sabia-se que deveriam chegar outras coisas. (DT, 96)

Uma sentinela postada na muralha do Forte parece ver em meio à penumbra do entardecer “duas figuras escuras que avançavam”. Não liga, pensa ser uma alucinação, pois

muitas vezes, nos lugares desertos, quem fica muito tempo à espera acaba por divisar, mesmo em pleno dia, vultos humanos esgueirando-se por entre as

touceiras e as rochas, e tem a impressão de que alguém está espiando, depois vai ver e não há ninguém. (DT, 101)

Esta passagem é significativa. Aqui provavelmente Buzzati aproveita para mostrar que nem todos no Forte estavam tão estreitamente tensionados entre o não e o sim, isto é, aceitando rotineiramente o não mas não-rotineiramente desejando o sim. A sentinela parece ter aprendido somente a lição binária fechada: qualquer sinal visto ou entrevisto é sinal de uma certeza meramente negadora. Este soldado, evidentemente, não apresenta um cosmos cognitivo bifaceado como Drogo e outros. O processamento de dados nele ocorrente encaminhará tendencialmente soluções negadoras: aquilo que vejo é sinal de não-invasão; não me deixo impressionar por aquilo que vejo; até agora tudo que percebi, e pensei ser um *phainómenon* ligado aos inimigos, não passou de uma espécie de alucinação, efeito próprio de quem desvive por muito tempo em lugares desertos; etc.

Esse soldado, porém, talvez fosse uma exceção e, por certo, põe-se como figura criada pelo autor para servir de contraste. Do personagem principal — Giovanni Drogo — aos semi-principais, todos são construídos por Buzzati de modo informacional-cognoscente bifaceado, onde o negativo, para ter sentido, coabita com o positivo. Há uma continuidade entre os dois ambientes cognitivo-informativos, estressante e ao mesmo tempo estimulante. À medida que os anos passam, Drogo se enerva por nada acontecer; por outra parte, se nada acontece, tudo pode acontecer. Entre o nada e o tudo a fronteira é zero. Logo, o território aparentemente dividido é, de fato, uno.

A maioria dos homens do Forte transfundem com extrema naturalidade a não-informação em sim-informação: os integrantes da expedição enviada pelo comandante para detalhar a demarcação de um trecho de fronteira ainda dúbio, ao escutarem um desmoronamento nas montanhas calam-se todos e

nos rumores do desmoronamento foi pressentida uma presença inimiga. (DT, 128)

Depois da morte por congelamento do tenente Angustina ocorrida durante a expedição de demarcamento nas montanhas, tudo retorna à mesma trilha. O inverno se instala por inteiro, o ânimo de todos volta a ficar tranquilo. Mas

os olhos ainda buscavam inutilmente alguma coisa nas fronteiras extremas do horizonte. (DT, 145)

Drogo e o major Ortiz estão sentados num banco, embrulhados nas capas,

os olhares perdidos em direção do norte, onde se acumulavam grandes nuvens informes (...) (DT, 145-146)

Às vezes, a esperança de uma invasão se desvanece e Drogo parece aceitar a dura realidade do não. Planeja ir embora do Forte, pois crê que

seu mistério fácil desmoronou, a planície do norte continuará deserta, nunca mais os inimigos virão, nunca mais ninguém virá assaltar suas pobres muralhas. (DT, 152)

Pensa em dar “o último adeus à planície do norte, já agora vazia de ilusões” (DT, 153), desligar-se do Forte, voltar para a cidade, para perto de sua mãe, em casa, e ali ficar.

No entanto, continua. Ao retornar, após o gozo de uma licença de dois meses em casa, na cidade, e ao rever o Forte, este parece não mais encerrar, “como da primeira vez, inquietantes segredos”. Todavia,

um resto de encanto vagava ao longo dos perfis dos redutos amarelos, um mistério teimava em reinar nos cantos dos fossos, à sombra das casamatas, uma sensação inexprimível de coisas futuras. (DT, 175)

Coisas futuras, a saber: a não-provável invasão dos inimigos “tártaros” do norte que poderia se transmutar, quando menos se esperasse, em sim-provável. Esse o desejo, essa a esperança de todos. Esse o jogo binário fechado que, cotidianamente, superava-se a si mesmo para renascer quantas vezes fosse preciso no jogo binário caoticamente aberto do sim.

Viver no Forte Bastiani é quase como viver em exílio, e por isso

é preciso achar uma espécie de desapego, é preciso ter esperança em alguma coisa. (DT, 179)

Em certo dia, o tenente Simeoni, Drogo e os outros começam a observar uma pequena mancha escura a se mover no fundo nevoento do Deserto e,

tempos depois, luzes. A hipótese que levantam a respeito irá mais tarde se confirmar: os nortistas “tártaros” estão construindo uma estrada através do Deserto na direção do Forte. Quinze arrastados anos serão necessários para que ela fique terminada.

Este fato novo será a grande fonte de informações a colocar dia pós dia, ano pós ano gravetos e garavetos no fogo instável da forma geral anteposta “sim-invasão”. A rotina do Forte começa a balançar e sofrer intermitentes arrepios.

(...) uma noite ouviu-se alguém falar de guerra em termos vagos, e estranhas esperanças recomeçaram a rodopiar entre as muralhas do forte. (DT, 204)

O comandante da guarnição, tenente-coronel Nicolosi, em meio a esse clima de esperanças ressuscitadas, num curto comunicado escrito à tropa intitulado “Deploráveis alarmes e falsos boatos” (DT, 196), proíbe o uso de lunetas para a observação da construção da estrada.

Novamente, tudo leva a indicar que temos aqui um caso semelhante ao da sentinela, antes lembrado. O comandante do Forte parece querer que seus subordinados permaneçam com os pés no chão, que sejam realistas. Não há nenhum sinal evidente de invasão ou de preparação para ela. É preciso aceitar a rotina da não-agressão. Para isso existe o Forte Bastiani: observar os sinais, estar sempre atento para qualquer indício diferenciado proveniente do Deserto — sim; mas resolver qualitativamente o *bit* informacional no não.

Drogo persente que o comunicado é dirigido propositadamente a ele. E se pergunta:

Que mal havia se ele ficava algumas horas observando o deserto? (DT, 197)

Observar o Deserto, nesse caso, através da luneta, que amplia os sinais, que os aproxima a ponto de estes quase poderem ser recolhidos para dentro dos muros e ser afagados com a mão.

A estrada fica pronta e, de fato, nenhuma invasão acontece. Mais de uma dezena de anos escoam sem novidade alguma.

... tudo parecia deixado em suspenso, sabe-se lá agora por quantos anos. (DT, 211)

A força do não faz do velho Forte

uma ilha perdida, rodeada por territórios vazios: à direita e à esquerda as montanhas, ao sul o longo vale desabitado e, do outro lado, a planície dos tártaros. (DT, 212)

* * *

Entretanto, num dado dia, a certeza negadora é negada e a invasão torna-se subitamente realidade (*wird wirklich*). Os “tártaros” nortistas vão atacar. Finalmente a sim-invasão, sempre anteposta nas brumas de um futuro desejado e jamais efetivado, finalmente ela está aí para ocorrer.

Os sinais provenientes do Deserto são todos confirmadores. (DT, 222; 226) Não há mais lugar para o não no movimento de binarização. A sinalização positiva é cartesianamente *claire et distincte*:

Os inimigos vêm vindo pela estrada do norte? Sim/não >>>> *sim*
 Vêm aos batalhões? Sim/não >>>> *sim*
 Parecem um denso formigueiro de homens e comboios? Sim/não >>*sim*
 Trazem (dezoito ou mais) canhões? Sim/não >>>> *sim*
 O Estado-Maior mandará reforços? Sim/não >>>> *sim*

Drogo, ao olhar (pela luneta) a aproximação dos “tártaros”, espera no entanto não ver nada.

Olhou pela luneta o triângulo visível do deserto, esperou não enxergar nada, que a estrada estivesse vazia, que não houvesse qualquer sinal de vida; era o que Drogo desejava para si mesmo, após ter consumido a vida à espera do inimigo. (DT, 226)

Por que Drogo espera o não? Que cosmos estranho é esse que ao longo de mais de trinta anos reservou uma de suas metades cognitivas para esperar incansavelmente pelo ataque dos inimigos e agora, quando ele ocorre, deseja não ver nem sinal de vida no Deserto?

Pensamos estar nessa passagem concentrado o aspecto mais significativo de um processo informacional que se rotinizou. Mesmo contra a evidência do

sema informativo construtor de uma certeza afirmadora o movimento binário insiste em permanecer no campo da certeza negadora. Drogo sempre sobredesejara o sim e desse modo criara para si um semi-*oikíon* caotizado, apto a abrigar no momento certo a “negação da negação”. E o que vemos acontecer? Nosso personagem renega o sim tão ardentemente desejado, recua assustado e redeseja ficar no não rotineiro. Não quer abandonar a trilha batida, a mesmidade, a uniforme e retilínea direcionalidade da inércia.

* * *

Os três últimos capítulos (28, 29 e 30) do romance de Buzzati já não fazem mais parte propriamente da rotina 2 e também não trazem novos elementos para a discussão do processo informacional. Queremos, no entanto, assinalar sua importância para o *plot*³³ geral da história de Drogo.

Já sabemos que o comandante do Forte dá ordem, um pouco antes de eclodirem os combates (combates esses que não são narrados, apenas supostos), para que o adoentado e envelhecido Drogo (está com 54 anos) seja removido para a cidade com o objetivo³⁴ de lá buscar a recuperação da saúde abalada.

Ao entardecer, a carruagem que o transportava chega a uma estalagem de beira de estrada. Giovanni Drogo desiste de continuar viagem e decide passar a noite ali. (DT, 236) E será num dos quartos dessa estalagem que resolve deflagrar a primeira, a última e única batalha de sua vida: contra a morte.

... morrer num lugar estranho e desconhecido, no leito comum de uma estalagem, velho e desfigurado, sem deixar ninguém no mundo. (DT, 240)

Giovanni Drogo não quer mais retornar à cidade para morrer

na cama de casa, em meio a lamentos afetuosos, luzes mortíferas e vidros de remédio. (DT, 240)

Isto é, ele não quer mais a rotina 1. Perdida a rotina 2, rejeita a rotina 1. E escolhe morrer no canal de transição entre as duas rotinas, no “*wormhole*”,

³³ Aqui: urdidura, *textus*.

³⁴ De fato é um pretexto para afastar Drogo do Forte num momento que seria fundamental para uma virada na sua vida rotinizada. O porquê desse jogo sujo não chegamos a analisar. Para o escritor Buzzati essa intriga parece servir antes como um artifício de tipo kafkiano, onde a fatalidade tece a rede dos fatos.

naquele espaço-tempo ainda sem rotina, instável, sem marcos de referência seguros, apenas passagem.

Apenas passagem.



Dino Buzzati nasceu em Belluno, perto de Veneza, em 1906. Filho de um professor de Direito, também formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão de advogado. Em 1928 entrou para o jornal *Corriere della Sera*, onde trabalhou primeiramente como cronista e, a seguir, como redator e enviado especial durante a Segunda Guerra Mundial. Sua atividade literária iniciou-se em 1933 com o romance *Barnabo delle montagne*. Dois anos depois publica *Il segreto del bosco vecchio*. Seu terceiro romance, de 1940, é *Il deserto dei tartari*. Morreu em 1972 na cidade de Milão.

No Brasil já foram publicados *Um amor* (Nova Fronteira, 1985), *O deserto dos tártaros* (Nova Fronteira, 1985; Rio Gráfica, 1986), *Naquele exato momento* (Nova Fronteira, 1986), *As noites difíceis* (Nova Fronteira, 1986) e *As montanhas são proibidas* (Companhia das Letras, 1993).